

OS MONGÓIS

*“Perfurando as sólidas rochas do Cáucaso, eles se espalharam como demônios do inferno de Tártaro. Assolaram a face da terra como uma praga de gafanhotos e causaram uma devastação terrível na parte oriental da Europa, flagelando-a com fogo e carnificina.”*¹⁰

Matthew Paris, cronista cristão, sobre os mongóis

Na Idade Média, em menos de um século, os mongóis forjaram um extenso império, que do Oceano Pacífico se prolongava até o Leste europeu. Tal fato parecia improvável quando nasceu, por volta do ano 1160, Temudjin, o futuro Gêngis Khan (soberano universal). Nessa época, os mongóis, divididos em tribos, pastoreavam pelo imenso e pouco fértil planalto central da Ásia. No verão levavam seu gado para o norte tendo em vista aproveitar a vegetação que florescia, depois, no inverno, retornavam para o sul. Seus rebanhos lhes ofereciam comida, bebida, e roupas e moradias improvisadas. O pastoreio, porém, mal sustentava as tribos, que viam na guerra um outro meio para melhorar suas condições de vida. Dessa forma, as lutas intertribais eram comuns. Por vezes, alguns grupos se sobressaiam, estabelecendo efêmeros impérios.

Temudjin pertencia a um clã tradicional; teria nascido com um coágulo de sangue nas mãos, um sinal auspicioso para os mongóis. Quando cresceu, reviravoltas a seu favor nos campos de batalha fizeram-no crer que era alvo de proteção sobrenatural, predestinado à liderança. Por volta do ano 1200, com cerca de quarenta anos, iniciou uma série de campanhas destinadas a unificar as tribos mongólicas. Em 1206, após eliminar seus rivais em combates marcados por grande violência (em certa ocasião mandou ferver seus inimigos vivos), foi eleito Gêngis Khan em uma “Kuriltai” (assembleia de chefes das estepes).

Prosseguindo com seu objetivo de unir os mongóis, estabeleceu um código de leis (Yassak), ao qual todos os seus súditos deveriam obedecer. O conjunto de leis era uma mescla de velhos costumes mongóis e novas regras. Nele se definiam, por exemplo, as relações hierárquicas, aspectos ligados à propriedade, padrões morais a serem seguidos, e as penas para os diversos tipos de crimes. O Yassak disciplinou os mongóis, sendo fundamental para a sua futura expansão territorial.

¹⁰ apud **História em revista**: conquistas mongólicas, 1993, p. 9.

Em 1207, os mongóis, liderados por Gêngis Khan, resolveram expandir seus domínios em detrimento dos impérios vizinhos. A busca por melhores pastagens, o amor inato à guerra, e a expectativa de saquear as riquezas das populações sedentárias os impulsionavam.

Os primeiros alvos dos mongóis foram reinos e impérios localizados no território da atual China. Inicialmente, Gêngis Khan deslocou-se para o sul subjugando o reino tangute da Xixia. Em 1211, partiu para o leste, atravessou a grande muralha da China, e conquistou Zhongdu (atual Pequim), capital do Império Jim (esse, como um todo, só foi dominado em 1234). Após estas conquistas, Gêngis Khan retornou para a Mongólia, onde se preparou para novas campanhas. Seus novos objetivos passaram a se situar no oeste. Em 1218, as campanhas recomeçaram, com a destruição do reino de Kara-khitai e do Império muçulmano do Khwarizm. Generais de Gêngis Khan chegaram a estabelecer, em 1223, bases firmes na Ucrânia e Crimeia, após derrotarem exércitos georgianos, armênios, turcos kipchak e búlgaros.

Gêngis Khan morreu em 1227, legando aos mongóis um grande império e um poderoso exército. A causa do falecimento é desconhecida; relatos apontam para três possíveis razões: ele teria sido vítima de uma hemorragia interna, decorrente de uma queda durante uma caçada; fora ferido por uma de suas concubinas que o atingiu com uma faca envenenada; ou, ainda, teria sido acometido por uma febre.

O exército mongol organizado por Gêngis Khan era uma disciplinada força militar cujos efetivos oscilavam entre trinta mil e duzentos mil combatentes, de acordo com as necessidades de cada campanha. Era dividido em grupos que seguiam uma progressão decimal: o menor deles compreendia dez combatentes; dez desses pequenos grupos formavam unidades subalternas de cem homens; dez unidades subalternas davam origem a um “guhran” composto por mil homens; e finalmente, dez “guhrans” constituíam um “tuman”, de dez mil membros. As frações de dez homens eram indivisíveis; seus homens viviam e combatiam juntos; se um integrante do grupo cometesse uma falta, todos os demais de sua fração seriam punidos. O sistema decimal propiciava eficiente controle e comando aos líderes mongóis, pois o comandante geral transmitia suas ordens aos comandantes de “tuman” (normalmente não mais que dez) e estes aos dez comandantes de “guhran”; de tal forma seguia-se a cadeia hierárquica até as ordens chegarem a todos os combatentes.

A guarda pessoal de Gêngis Khan era formada por um “guhran”; nessa unidade de elite eram incorporados os filhos dos chefes tribais; assim, qualquer rebeldia de um líder tribal punha em risco a vida do próprio filho. Os membros dos diversos grupos que compunham o exército escolhiam seus respectivos líderes. As promoções eram de acordo com o mérito individual, podendo ser rápidas, desde que o combatente mostrasse valentia e disciplina. Os comandantes de exércitos, no entanto, eram escolhidos dentre os membros da aristocracia tribal, diretamente pelo monarca, que por sua vez era o comandante geral das forças mongólicas.

Os mongóis criaram unidades logísticas que forneciam às tropas combatentes equipamentos, forragens, cavalos reservas e parte dos víveres. Tinham um eficiente serviço de informações; espiões, muitas vezes disfarçados de caravaneiros, buscavam informações sobre os pontos fracos e fortes dos inimigos. Xamãs tratavam da parte espiritual e prestavam assistência médica; outros funcionários registravam o produto dos saques. Todas as tribos deviam fornecer o número de combatentes requisitado pelo monarca mongol. Com o passar do tempo, combatentes confiáveis de outros povos, principalmente de origem turca, passaram a integrar o exército mongol.

A maior parte das forças mongólicas era formada pela cavalaria; aos infantes cabiam papéis secundários. Havia a cavalaria leve, predominante, que desgastava o inimigo atacando-o com flechas; e a cavalaria pesada, com maior poder de choque, que era empregada para decidir a luta.

Os armamentos dos cavaleiros leves eram azagaias e arcos de dupla curvatura, cujas flechas podiam alcançar a distância de até trezentos metros; seus equipamentos de proteção consistiam de túnicas acolchoadas ou couraças de couro. Os cavaleiros pesados, por sua vez, utilizavam espadas (delgadas na extremidade, cortantes de um lado e ligeiramente curvas), longas lanças para derrubar seus inimigos do cavalo e arcos; protegiam-se com cotas de malha (couraças formadas por escamas de ferro, recobertas por couro) e capacetes de couro reforçados por cintas de ferro.

Os cavalos dos mongóis eram um componente essencial do exército; atarracados (em média com um metro e meio de altura), resistentes, rápidos e bem treinados, eles eram capazes de executar movimentos bruscos, mudando repentinamente de direção, mediante a um determinado comando. A combinação desses cavalos com equipamentos leves proporcionava aos mongóis destreza e flexibilidade nos campos de batalha.

Os mongóis treinavam para guerra desde criança, quando aprendiam a cavalgar, usar o arco e caçar. Com o passar do tempo eram capazes de acertar flechas em alvos mesmo a galope. Sazonalmente eram organizadas as “grandes caçadas”. Essas eram um modo de se conseguir suprimento extra de carne e de se treinar para a guerra. Os mongóis separavam-se em grupos realizando grandes cercos a animais, similares às manobras que faziam em combate.

CAVALEIRO MONGOL



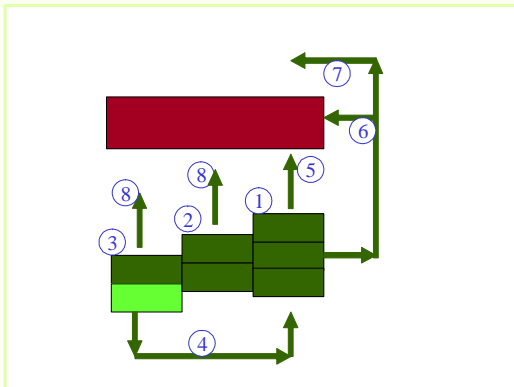
Ainda nas “grandes caçadas”, o combatente familiarizava-se com o uso do equipamento, adquiria mentalidade coletiva, resistência e agressividade, tendo seu desempenho avaliado.

As campanhas militares dos mongóis eram desencadeadas após um minucioso planejamento. Somente atacavam quando tinham certeza de que teriam boas chances de vitória; caso a situação não lhes parecesse propícia, não hesitavam em recuar para combater posteriormente em melhores condições. Muitas vezes realizavam fugas simuladas para logo depois contra-atacarem, surpreendendo o inimigo. A cavalaria marchava e preparava-se para o combate dividida em três corpos; um no centro, um pouco à retaguarda de outros dois, que seguiam nas alas; o que possibilitava grande capacidade de manobra e apoio mútuo.

Em combate, os mongóis empregavam preferencialmente as manobras de desbordamento ou de duplo desbordamento.

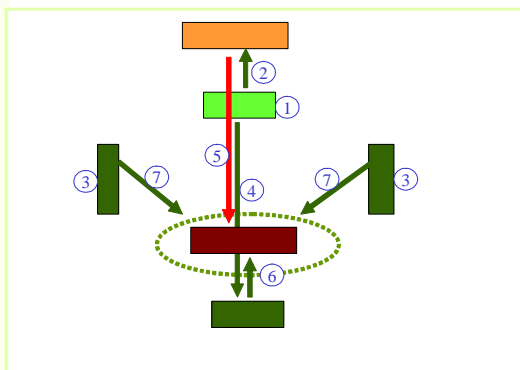
FORMA USUAL DE COMBATE MONGOL

DESBORDAMENTO



Em uma manobra de desbordamento, uma ala dos mongóis engajava-se contra o inimigo (1), enquanto o centro e a outra ala permaneciam mais à retaguarda (2 e 3). Os mongóis continuamente retiravam elementos dos corpos não engajados para reforçar a ala que lutava contra o inimigo, a fim de que esta sobrepujasse as forças adversárias (4). O inimigo, normalmente menos adestrado, não conseguia fazer o mesmo. A ala engajada procurava romper as fileiras (5), e atacar os flancos (6) ou a retaguarda inimiga (7). Quando a ala engajada conseguisse seu objetivo, as demais desencadeavam um ataque geral (8).

DUPLO DESBORDAMENTO



Em uma manobra de duplo desbordamento, o corpo de cavalaria que estava no centro (1) engajava-se contra o inimigo (2), enquanto os corpos que estavam nas alas aguardavam um pouco mais à retaguarda seu momento de entrar em ação (3). Em seguida, o corpo central simulava uma rápida fuga (4); os corpos que estavam nas alas recuavam em menor velocidade ou permaneciam na mesma posição. Os inimigos dos mongóis, normalmente pouco disciplinados, iniciavam uma perseguição ao corpo mongólico central (5). Em determinado momento, após o inimigo ultrapassar os corpos mongólicos que estavam nas alas, o corpo central dos mongóis parava e contra-atacava (6). Os corpos mongólicos que estavam nas alas entravam então em ação cercando o inimigo (7), que, tendo de combater em todas as direções, se desestruturava.

- POSIÇÕES INICIAIS DOS MONGÓIS
- MONGÓIS
- POSIÇÕES INICIAIS DO INIMIGO
- INIMIGO

Qualquer que fosse a forma de manobra que garantisse a vitória no campo de batalha, seguia-se uma perseguição implacável, na qual os mongóis buscavam eliminar totalmente os adversários remanescentes.

A coordenação das forças envolvidas era essencial nos combates. Para isso, os mongóis utilizam sinais visuais (bandeiras, flechas, fumaça e tochas) e sonoros (tambores, sinos e flechas sibilantes). A “virada da bandeira” é um exemplo: respondendo a um simples movimento de bandeira, um “guhnan” ou um “tuman”, que estivesse parado ou mesmo em movimento, deslocava-se rapidamente para determinado setor do campo de batalha onde se fizesse mais necessário.

O comandante supremo das forças mongólicas não se envolvia no combate corpo-a-corpo. Permanecia em um posto de observação analisando o desenrolar da batalha. Junto a ele ficavam forças reservas, para serem empregadas em momentos críticos ou em ações decisivas.

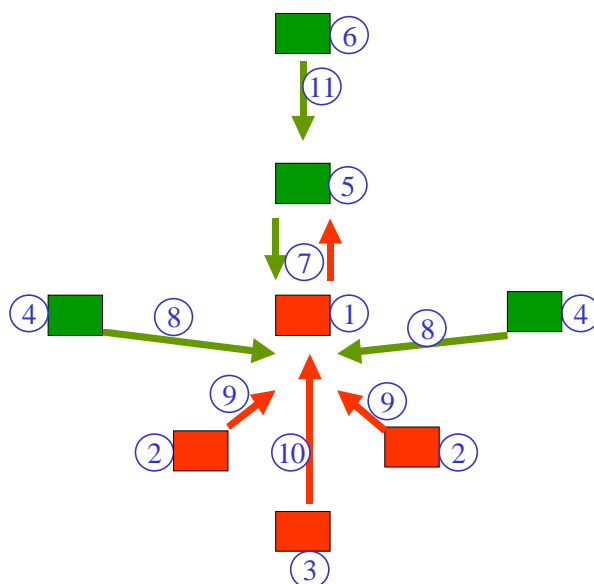
No início de suas campanhas, os mongóis tiveram grandes dificuldades para ultrapassar as muralhas das cidades inimigas. Após a invasão da China esse problema foi resolvido, pois foram incorporados ao exército mongol técnicos chineses especialistas em sítio. Esses eram capazes de construir catapultas, torres rolantes e artefatos pirotécnicos; os últimos destinados a incendiar as defesas e outras instalações das cidades adversárias. Além disso, foram recrutados engenheiros para consertar ou construir pontes, aligeirando ainda mais os deslocamentos mongólicos.

Os mongóis empregavam largamente a guerra psicológica. Por onde passavam cometiam terríveis atrocidades e destruições, aterrorizando as populações. Os moradores das cidades que resistissem eram mortos ou, se fosse o caso, aprisionados para servirem de escudo quando os mongóis fossem atacar outra povoação (eram colocados à frente das forças atacantes para serem alvejados pelos sitiados, livrando o combatente mongol da primeira investida inimiga). Os mongóis permitiam que notícias a respeito de suas atrocidades se espalhassem, pois isso aterrorizaria e desmoralizaria os inimigos que estivessem em seu caminho. Adversários, propositalmente não mortos, e mercadores serviam muito bem para esse fim.

Gêngis Khan, antes de morrer, aos 72 anos, dividiu o império entre seus descendentes; estabelecendo que Ogedei, o filho predileto, seria o comandante supremo. Ogedei deu prosseguimentos às conquistas: no leste, os mongóis terminaram a conquista do norte da China, dominaram a Coreia, e declararam guerra ao Império Song (localizado no sul da China); no oeste, atacaram o noroeste da Pérsia, a Armênia e o Azerbaijão.

Em 1235, os mongóis decidiram atacar a Europa. Novamente derrotaram tropas dos búlgaros e dos turcos kipchak. Em seguida venceram os russos e atacaram a Polônia e a Hungria. Na Batalha de Liegnitz (atual Legnica), em 09 de abril de 1241, um grande exército cristão sofreu uma pesada derrota quando tentou conter o avanço mongol, que se aproximava das fronteiras do Sacro Império Romano Germânico. A Europa, em plena ordem feudal, mostrava-se incapaz de fazer frente aos métodos de guerra mongólicos.

BATALHA DE LEGNICA (LIEGNITZ)



LEGENDA

MONGÓIS CRISTÃOS

Em 1241, perto de Legnica, na Polônia, mongóis, sob comando de Kandu, defrontaram-se com um exército cristão (formado por poloneses e alemães), liderado pelo príncipe Henry. Os mongóis contavam com dois tumans (cerca de 20 mil homens) enquanto os cristãos somavam por volta de 25 mil combatentes. Na contenda se decidiria se os mongóis avançariam para o interior da Europa ou não. O príncipe Henry dividiu suas forças em quatro corpos: um marchava na vanguarda (1), dois nas alas (um pouco mais atrás) (2) e um à retaguarda (reserva) (3). Os mongóis também dividiram seu exército em quatro corpos: dois marchavam à frente, nos flancos (4), enquanto os outros dois se posicionavam no centro (5 e 6); o corpo que estava mais à retaguarda era a reserva. Os corpos mongólicos guardavam uma maior distância entre si do que os corpos dos cristãos. O combate se iniciou quando os corpos vanguardeiros se encontraram (7). Os corpos mongólicos que estavam nas alas imediatamente inflertiram para o centro para cercar o corpo vanguardeiro cristão (8). Os corpos cristãos que estavam nas alas, porém, atacaram os corpos mongólicos que cercavam os cristãos (9). Em virtude do corpo vanguardeiro cristão estar sendo dizimado, o príncipe Henry resolveu empregar seu corpo reserva. Esse passou pelo cerco mongol, atacando o corpo vanguardeiro mongol (10). A vitória parecia pender para o lado cristão, mas chegava a vez de Kandu empregar seu corpo reserva. Este atacou as forças cristãs (11), que após penosa luta foram derrotadas. Os cristãos iniciaram uma fuga sendo perseguidos pelos mongóis que eliminaram muitos deles. As baixas de ambos os contendores foram pesadas, mas os mongóis agora poderiam prosseguir seu avanço pela Europa.

Os mongóis já estavam próximos a Viena quando seu comandante, Batu (neto de Gêngis Khan), ficou sabendo da morte de Ogedei. Batu, então, apressadamente retornou para a Ásia com seus exércitos a fim de participar da “Kuriltai” que elegeria o novo Khan. Os mongóis jamais retornariam à Europa.

Na “Kuriltai”, Guyuk (filho de Ogedei) foi eleito Khan, mas foi logo substituído por Mongke (também neto de Gêngis Khan). Os irmãos de Mongke, Kublai e Hulagu, prosseguiram expandindo o Império Mongólico.

Kublai unificou a China ao subjugar o Império Song, mas fracassou quando tentou dominar o Japão e o sudeste Asiático. Em 1281, cerca de cento e cinquenta mil mongóis, chineses e coreanos tentavam invadir o Japão quando uma tempestade denominada “Camicase” (vento divino) destruiu a frota que os transportava. Os soldados de Kublai que não morreram afogados foram mortos pelos japoneses ao chegarem enfraquecidos à praia. Kublai não se saiu melhor no sudeste asiático, pois o estilo de guerrear dos mongóis, muito eficiente nas estepes, mostrou-se inadequado nas selvas tropicais daquela região.

Hulagu conquistou Bagdá. Pretendia também atacar o Egito, estado então poderoso, governado por escravos-guerreiros de grande poder combativo, chamados mamelucos. Acabou por não liderar esta campanha, já que teve de retornar à Mongólia para participar de uma nova “Kuriltai”, motivada pela morte de Mongke, ocorrida em 1259. Mesmo sem Hulagu, os mongóis empreenderam a campanha planejada contra o Egito. Essa, todavia, terminou em fracasso, quando, em 1260, na Palestina, um exército mongólico, constituído predominantemente por turcos, foi derrotado pelos mamelucos. O resultado desse embate pôs fim ao mito da invencibilidade mongólica.

Após a morte de Mongke, o império mongol se desagregou, dando origem aos Impérios Il-Khan (Pérsia) e do Grande Khan (China) e aos Canatos da Horda do Ouro (sul da Rússia) e Ciaghatai (Ásia Central).

Nos Impérios do Il-Khan e do Grande Khan, os mongóis passaram a sofrer, respectivamente, a influência das civilizações persa e chinesa, abandonando muitos de seus costumes e conseqüentemente de suas características militares. Na Pérsia, em 1335, e na China, em 1368, as dinastias mongóis foram substituídas por outras locais.

Nos Canatos da Horda Dourada e Ciaghatai, localizados onde não havia grandes civilizações, os mongóis integraram-se aos povos conquistados. No Canato da Horda Dourada miscigenaram-se com turcos e eslavos. Isso permitiu que esse Canato tivesse longa duração, só acabando totalmente no século XVIII, quando os russos derrotaram um último Estado mongol na Crimeia. O Canato de Ciaghatai teve existência mais curta, embora os mongóis houvessem preservado seus antigos hábitos guerreiros. Em 1369, um líder militar chamado Timur Lenk (Tamerlão) assumiu o poder deste Canato, tencionando repetir as campanhas de Gêngis Khan. Ao longo de sua vida derrotou indianos, turcos, mamelucos e os mongóis da Horda Dourada, construindo um império que

MÁXIMA EXPANSÃO DO IMPÉRIO MONGOL E SUA DIVISÃO EM IMPÉRIOS E CANATOS



estendia-se da Ásia Central até as proximidades do Mar Mediterrâneo. Ficou conhecido por empregar métodos de guerras ainda mais violentos dos que os utilizados pelos mongóis de Gêngis Khan. O império de Tamerlão, porém, não tinha bases sólidas e fragmentou-se logo após seu falecimento, em 1405. O Canato de Ciaghatai, de onde saíra Tamerlão, teve o mesmo destino.

As invasões mongólicas de Gêngis Khan, de seus descendentes e de Tamerlão foram as últimas investidas exitosas dos povos nômades das estepes contra civilizações sedentárias. Doravante, a mobilidade, a astúcia, a resistência, a combatividade e a habilidade em montar e empregar o arco dos cavaleiros vindos da Ásia Central seriam superadas pelas infantarias dos estados nacionais ocidentais, dotadas de armas de fogo.